HAL
open science

Corpo e imagem: a representação midiática dos movimentos sociais brasileiros na imprensa francesa

Camila Lima de Braga

To cite this version:

Camila Lima de Braga. Corpo e imagem: a representação midiática dos movimentos sociais brasileiros na imprensa francesa. Congresso Internacional sobre Culturas - Memoria e Sensibilidade, Mar 2018, Cachoeira, Brazil. hal-02490504

HAL Id: hal-02490504

https://hal.science/hal-02490504v1

Submitted on 25 Feb 2020

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

IV CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE CULTURAS
MEMÓRIA E SENSIBILIDADE: Cenários da Experiência Cultural Contemporânea
Cachoeira – Bahia – Brasil, 21, 22 e 23 nov/2018
www3.ufrb.edu.br/eventos/4congressoculturas

Corpo e imagem: a representação midiática dos movimentos sociais brasileiros na imprensa francesa

LIMA DE BRAGA, Camila[1]
Universidade Federal da Bahia e Université Lumière Lyon 2 (Brasil e França)
C.LimaDeBraga@univ-lyon2.fr

Resumo : Esta pesquisa busca compreender as representações dos movimentos políticos brasileiros em três jornais franceses : *Le Monde, Libération* e *Le Figaro*, no recorte temporal entre 2013 e 2016, a partir da representação de corpos e discursos. O estudo se fundamenta em uma análise quantitativa, através de uma análise de conteúdo, de um *corpus* formado por 314 artigos publicados nos periódicos em questão (fazendo recurso ao software *Modalisa*), mas também de um estudo qualitativo dos resultados obtidos desta primeira parte da pesquisa. Nossa metodologia qualitativa contempla uma análise semiótica das fotos publicadas nestes jornais. Buscamos estudar o poder da imagem por meio destas fotos e descobrir como os corpos individuais e coletivos são representados. A proposta deste artigo é a de expor nossa metodologia e nosso referêncial teórico, as noções que adotamos nesta pesquisa, sem propriamente trazer os resultados da análise qualitativa que está em andamento.

Palavras-chave: representação, imagem, corpo, movimento social.

Introduçao

Os cidadãos tomam o espaço público pour *prendre la parole* (DE CERTEAU, 1994) e reivindicar as exigências de base de seus corpos. Estes corpos cobram saúde, abrigo, alimentação, melhores condições de trabalho e proteção contra a violência (BUTLER, 2013). Entretanto, são as tecnologias de comunicação e os média que viabilizam a dilatação da difusão destes movimentos. O evento midiático, fabricado pelo jornalismo, tem o poder de construção de identidades à partir de imagens e discursos (DYMYTROVA, 2011).

Esta pesquisa busca compreender as representações dos movimentos políticos brasileiros em três jornais franceses : Le Monde, Libération e Le Figaro, no recorte temporal entre 2013 e 2016, a partir da representação de corpos e discursos. Neste artigo traremos nossa metodologia que se divide

[1]Formada em jornalismo pela UCS. Mestre em comunicação pela Université Lumière Lyon 2, na França. Atualmente doutoranda das universidades Lumière Lyon 2 e UFBA (cotutela). Orientada pelos professores Giovandro Marcus Ferreira e Isabelle Garcin-Marrou. Temática de pesquisa : análises do discurso midiático e da fotografia dos corpos.

em três etapas, uma parte dos resultados da análise quantitativa, bem como uma parcela do referencial teórico referente à imagem, representação e corpo.

Objetivos e hipóteses

Esta tese de doutorado tem por objetivo principal estudar a representação midiática dos movimentos sociais brasileiros na imprensa francesa a partir da « circulação de palavras » (MOIRAND, 2007, pp.4-5), ou seja de uma análise do discurso jornalístico francês e dos discursos que este último autoriza a circular (fontes tais como manifestantes, pesquisadores, personalidades políticas, polícia, grupos minoritários, etc). O outro viés deste objetivo, e não menos importante, é o da « produção de sentido das imagens » (MARTINI, 2015, p.25). Este é marcado por uma análise semiótica das fotografias que ilustram as matérias jornalísticas. É importante salientar que neste artigo traremos exclusivamente a abordagem teórica desta produção de sentido das imagens, não abordando a parte concernente ao discurso.

Agregam-se objetivos secundários ao referido acima a partir de uma microanálise das fotos (que explicaremos na parte da metodologia). Tornou-se uma das nossas finalidades o estudo da representação dos corpos nas fotografias. Procuramos descobrir se os corpos que surgem no espaço público são soberanos e fortes ou, se ao contrário, eles se revelam frágeis e desumanizados. Prestamos a atenção, também, em perceber quais são as reivindicações que são defendidas por corpos imponentes e quais são portadas por corpos que padecem. Nos interessamos igualmente por outros perfis de corpos (além dos corpos que protestam) como o corpo policial, o político, etc, nas fotografias.

As hipóteses que trazemos aqui são as que dialogam apenas com o segmento « análise da imagem ». Estas hipóteses foram constuídas ao longo da primeira etapa da metodologia, resultado de uma primeira observação do *corpus*. Desta primeira leitura de um total de 582 matérias publicadas entre 2013 e 2016, observou-se a tendência em mostrar os corpos coletivos como fortes e soberanos e os corpos individuais como frágeis. Nasce aí nossa primeira hipótese sobre os corpos fotografados. Quando fazemos alusão aos corpos, nos referimos ao corpo físico dos manifestantes. Entendemos por corpos coletivos os corpos que são fotografados em multidão, indiferentemente do ângulo da fotografia e do número de pessoas. Já nossa noção de corpo individual remete a um indivíduo que é o objeto da fotografia (ou quando houve a intenção do fotógrafo em colocá-lo como sujeito da imagem).

Nossa segunda hipótese é de que estes corpos - e também os discursos - ocupam o epicentro das representações dos movimentos sociais. A imagem destes corpos, que saem às ruas, são indispensáveis na elaboração do evento midiático. A terceira hipótese é de que este evento midiático, fabricado pelo jornalismo, teria o poder de construir identidades a partir de imagens e discursos. É necessário esclarecer que apanhamos esta última hipótese da pesquisadora Valentyna Dymytrova. A

autora não focalizou a pesquisa dela sobre a representação dos corpos, mas estudando de maneira mais geral a imagem e os discursos, ela conseguiu mostrar que a construção da identidade da *Revolução Laranja* (revolução na Ucrânia, em 2014), na França, foi possível graças ao jornalismo.

Corpus e acesso à informação

Nosso corpus é formado pelos jornais franceses *Le Monde*, *Libération* et *Le Figaro*, nas versões impressa e digital. Os três jornais tem posições editoriais diferentes. *Le Figaro* é considerado um jornal de direita enquanto que *Libération* é classificado como de esquerda. Já o *Le Monde* apresenta traços de direita e de esquerda, sendo mais improvável fechá-lo em uma case. Escolhemos estes três jornais por apresentarem linhas ideológicas diferentes, por serem jornais de alcance nacional na França e por contemplarem editorias tais como *Internacional*, *Mundo* ou *América*. O recorte temporal entre 2013 e 2016 se deu pelo amplo movimento social que o Brasil viveu em junho de 2013 e que desencadeou uma série de manifestações outras nos meses e anos sucessivos. Limitamo-nos ao final do ano de 2016 uma vez que esta tese de doutorado começou no ano letivo seguinte e que um ciclo de movimentos nos parecia ter chegado ao fim.

A busca pela informação se deu de duas formas : acesso à base de dados *Europresse* e assinaturas dos jornais em questão. *Europresse* é uma base de dados que regrupa um número importante de jornais e blogs europeus e mundiais. Seu acesso foi possível por meio de uma assinatura que a Université Lumière Lyon 2 possui. O potencial desta base de dados é o motor de busca que permite ao pesquisador listar todas as matérias com pouco ruído e precisão. Porém, o limite desta base é o acesso à imagem. O pesquisador não tem acesso às fotos na versão digital das publicações. As assinaturas dos jornais se deram justamente para suprir esta lacuna.

Metodologia

Nossa metodologia se dividiu em três etapas. A primeira etapa contou com uma microanálise e etiquetagem do *corpus.* A segunda, com uma análise quantitativa recorrendo a um software chamado *Modalisa*. A terceira etapa, consiste em uma análise qualitativa utilizando a semiótica e a análise do discurso. Para uma compreenção mais rigorosa, vamos explicar cada etapa de maneira suscinta.

Entre 2013 et 2016 encontramos 582 matérias neste jornais franceses que abordavam os movimentos sociais brasileiros. Aplicando o *codage ouvert* (codificação aberta) oriunda do método de Christophe Lejeune[2], foi possível « constituir uma primeira abordagem do material que o

[2]Christophe Lejeune, no seu livro *Manuel d'analyse qualitative*, propõe a análise qualitativa do *Grounded Theory Method*. Este método consiste em empreender uma organização paralela da pesquisa e não sequencial (sequencial:

pesquisador pretende analisar » (LEJEUNE, 2014, p.41). Desta forma, a codificação aberta propõe duas atividades : uma microanálise e a etiquetagem do *corpus*. « A etiquetagem visa descobrir os alicerces de uma teoria em elaboração. È sobre estes alicerces que se apoiarão o restante da análise » (LEJEUNE, 2014, p.57). No caso específico desta pesquisa, a etiquetagem consistiu na leitura dos textos e das imagens. Após esta leitura, Lejeune sugere nomear, colocar etiquetas sobre certas ocorrências. Segundo ele, estas etiquetas podem ser *in vivo* ou *palavras do pesquisador*. O *in vivo* corresponde às palavras ditas/escritas pelos autores. Em nosso caso, se trataria de incorporar certas classificações feitas pelos jornalistas. Por exemplo : Movimentos *Fora Dilma* ou *Fora Temer*. Já a *palavra do pesquisador* corresponde às etiquetas tais como : *classe média, estudantes, direita, esquerda* (se a questão for a de constatar quem manifesta).

Desta microanálise e da etiquetagem resultaram nossas hipóteses e pistas de possíveis referenciais teóricos. Para resolver estas hipóteses e tratar outras questões, criamos uma enquete para ser aplicada à cada matéria do *corpus*. Nossa enquete, formada por 19 questões, foi empregada em 314 matérias e não sobre as 582. Justificamos esta redução do *corpus* pelo fato de que muitas matérias respondiam pouco às questões da enquete, tratando as manifestações de rua como um assunto secundário.

Tabela 1 : Parcela da enquete[3]

Questão	Classe	Resposta Única	Resposta Múltipla	Possibilidades
1	Jornal	x		1. Le Monde / 2. Libération / 3. Le Figaro
8	Reivindicação		x	1. Contra o sistema / 2. Anti-Copa / 3. Anti-JO / 4. Fora Dilma / 5. Prisão de Lula / 6. PT nunca mais/ 7. Basta corrupção / 8. Golpe de Estado / 9. Fora Temer / 10. Apoio ao PT / 11. Greve / 12. Grupos minoritários / 13. Contra a imprensa / 14. Aumento da passagem / 15. Contra a violência policial/ 16. Militares - ditadura
15	Especificidade da foto		x	Corpo coletivo: 1. Soberano / 2. Frágil Corpo individual: 3. Forte / 4. Frágil

problematização, coleta, análise e redação). Na organização paralela, estas etapas se mesclam, fazendo com que o pesquisador contemple todas as fases de uma pesquisa em pouco tempo. Porém, é importante salientar que não adotamos rigorosamente este método. Embarcamos algumas concepções que fazem parte dele como a *codificação aberta* por acreditar que a microanálise e a etiquetagem nos permite desenvolver hipóteses e construir quadros teóricos. Outro ponto a ser explicado é que Christophe Lejeune exemplifica este método com problemáticas envolvendo pesquisadores que procedem com entrevistas. Todavia, isto não nos impede de aplicá-lo no caso das pesquisas que trabalham com análise do discurso midiático.

[3] Optamos em trazer parte de nossa enquete. Das 19, trouxemos as questões 1, 8 e 15 como ilustração. A case *possibilidades* corresponde às etiquetas. Já a case *classe* pode corresponder a uma informação de base como o nome do jornal, a editoria ou a data de publicação. Outra possibilidade desta case é a de se articular a uma hipótese, como é o caso da questão 15 que interroga os corpos coletivos e individuais de cada foto.

Por se tratar de um número importante de matérias a serem interrogadas, recorremos a um software de análise de conteúdo chamado *Modalisa*. Primeiramente introduzimos o questionário no programa. Em seguida, questionamos cada um dos 314 textos jornalísticos. Salientamos a importancia deste software no gerenciamento dos 5966 dados obtidos, uma vez que seria laborioso de tratá-los de forma artesanal. *Modalisa* nos permite trabalhar com a totalidade do *corpus* ou com apenas uma amostra. Ele produz gráficos e estatísticas a partir do que é solicitado pelo pesquisador. Ele ainda permite uma triagem plana ou cruzada dos resultados. Enquanto que a triagem plana permite a leitura, em porcentagem, de apenas uma questão (ex. : Reivindicação), a triagem cruzada « permite colocar em relação os resultados obtidos em duas ou mais questões do questionário » (ARNOULT, 2015, p.294). Assim sendo, poderíamos cruzar a questão reivindicação e especificidade da foto para ver quais são os movimentos que são representados com corpos soberanos e quais são representadas com corpos frágeis.

Porém este programa apresenta limitações como o valor relativamente elevado da licença, a concepção do software apenas em francês e a apresentação dos gráficos não é muito estética. Este último pode levar o pesquisador a investir em outros plataformas, pagas ou gratuitas, afim de desenvolver gráficos mais bem apresentados. Este não é o caso neste artigo, uma vez que gostaríamos de trazer os gráficos como eles são processados pelo programa, optando por uma tradução das informações em nota de rodapé.

Análise de conteúdo

Traremos aqui apenas os resultados, de uma triagem plana, referentes ao regime de imagem do *corpus*. Ou seja, o número de fotos, as ocorrências dos corpos coletivos e individuais e demais perfis de fotografias.

A primeira constatação é de que as fotografias desempenham um papel importante na representação dos movimentos sociais brasileiros. Sobre as 314 matérias do *corpus*, 200 são acompanhadas por fotos, o que representa 63% delas (média geral sobre a totalidade do *corpus)*. Porém isso não quer dizer que hajam exatamente 200 fotos. O número é superior se levarmos em consideração que cada matéria pode vir acompanhada de duas, três ou até mesmo de uma galeria de fotos. Contabilizamos o número de matérias com foto(s) e não o número de fotos em si mesmo. De forma geral, estes números revelam a atenção que estes jornais prestam à fotografia para representar a sociedade brasileira. Porém é importante salientar que os três jornais recorreram às agências tais como AFP e Reuteurs para obtenção de todas as fotos, mesmo que eles disponham, os três, de correspondentes e enviados especiais no Brasil (pelo menos no período estudado).

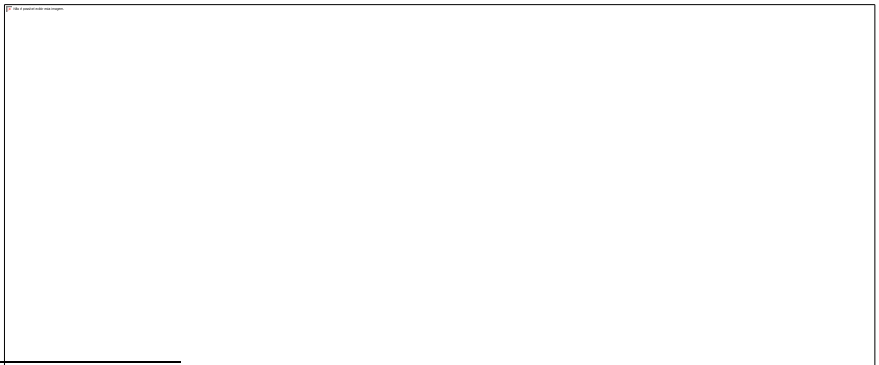
Em relação aos corpos coletivos e individuais, nossas hipóteses se confirmam. Os corpos quando fotografados individualmente, tendem a aparecer como frágeis. Eles revelam o sofrimento do corpo físico, eles aparecem sangrando, sofrendo e sendo agredidos pela polícia. Eles deixam à vista a frenesia do momento. As expressões da face também são reveladoras desta aflição. Das 64 publicações contendo corpos individuais, 41 aparecem como corpos frágeis. Certamente devemos levar em consideração as diferentes

reivindicações. A título de exemplo, na representação do movimento *Fora Dilma* não os corpos frágeis não estão presentes. Já os movimentos que reivindicam as necessidades de base de um corpo como saúde, educação, transporte, moradia, os corpos individuais e frágeis são numerosos. Mas de forma geral, podemos afirmar que o foco sobre um indivíduo tende a revelar o sofrimento deste enquanto corpo.

Já os corpos coletivos tendem a aparecer como soberanos. Estes corpos são aqueles que aparecem em multidão. Indiferentemente do ângulo da foto e da aproximação com os manifestantes, temos a impressão de que o movimento é forte, impenetrável e de que ninguém pode o impedir de ocupar o espaço. Estes corpos não aparecem sofrendo, tampouco como vítimas. A inclinação do corpo e as expressões da face são reveladoras de um povo inabalável. Das 131 publicações contendo corpos coletivos, 87 aparecem como soberanos, o que acaba contribuindo com a ideia de que a soberania do povo é importante na representação de um movimento dito « bem sucedido »[4].

Nos interessamos também por outros perfis de fotografias, por outras formas de mostrar os corpos dos manifestantes, de outros corpos - além do manifestante - que podem aparecer nestes protestos, ou ainda corpos que são trazidos pela imprensa mesmo que estes não estiveram presentes fisicamente na rua. Bem como se há marcas do território brasileiro e daquilo que esperaríamos encontrar como representação nestas fotos. A partir dos resultados, podemos destacar a frenquência do caráter violento das imagens, somando 71 ocorrências de violências sobre as 200 matérias. O corpo do policial é outro que pesou nestas representações, com 48 aparições sobre o total das matérias. Esclarecendo que uma foto pode ser objeto de múltiplas classificações, ou seja, uma foto que foi classificada como corpo individual frágil, pode ser objeto de uma classificação de caráter violento e a figura do policial pode aparecer como pivô da agressão. Outro corpo que ganha destaque em nosso análise de conteúdo é o político, principalmente dos ex-presidentes Lula da Silva e Dilma Rousseff. Grupos minoritários são representados em 19 matérias. Pesquisadores, que servem de fonte aos jornalistas nestes textos, são fotografados três vezes.

Gráfico 1 : Perfis das fotografias[5]



[4]Ressaltamos que não existe regime de julgamento da pesquisadora em relação ao « sucesso » ou não de um movimento. Para nós, o fato de tomar o espaço público e reivindicar seus direitos já é em si um êxito. Porém, a mídia parece funcionar na lógica do efeito e resposta. Ou seja, o número de manifestantes, o tempo da ocupação das ruas, pelas pessoas, em horas e também em dias ou meses e, principalmente o desfecho dele. Em suma, se a reivinicação foi atendida. Enfim, estes elementos contribuem ao sentido de « sucesso » do movimento atribuído pelos jornais.

[5]Tradução das informações do gráfico : violences : violências / police : polícia / politique : político/ autre : outro / minorités : grupos minoritários / établissement : estabelecimentos / drapeau : bandeira / portrait : porta-retrato / expert : pesquisador / Monument : monumento / ville : cidade / plage : praia.

Representação, imagem e semiótica

Uma das definições mais caras é a de representação, pois é sobre o estudo dela que repousa todo o presente estudo. Poderíamos evocar vários(as) autores(as) que dispõem de definições ricas sobre o sujeito, mas para atingir o objetivo deste artigo que é o de fornecer uma visão global do nosso referencial teórico, optamos por mobilizar apenas os autores que são essenciais em nossa discussão. Não abordaremos a história do termo representação (e nem dos termos imagem e semiótica), nem a arqueologia destes estudos. Citaremos somente os autores principais de nossas definições e o uso que fizemos delas.

Nossa noção de representação vem de Louis Marin. Porém, lendo este autor fica claro que seria arriscado abordar a noção de representação sem passar pela de imagem. Para ele, devemos perguntar sobre o *ser* da imagem. A imagem seria uma ilusão, um retrato apobrecido, um véu enganoso, uma imitação, ela seria uma representação de algo. Algo que foi conferido a função de se reapresentar uma segunda ou infinitas vezes mais. Por outro lado, a imagem é também uma força, ela detém o poder de representar algo outra vez. Com as palavras de Louis Marin « O que é representar senão apresentar outra vez ? (na modalidade do tempo) ou no lugar de...(na modalidade do espaço) ? O prefixo re agrega ao termo um valor de substituição. Alguma coisa que estava presente e que não está mais, é agora representado. » (MARIN, 1993, pp.10-11)

Se representar é substituir algo que estava presente e não está mais, notamos que existiu uma ausência. Esta ausência é preenchida pela representação, resultando no duelo complexo entre ausência e presença. O que estava presente deixou uma ausência, um vazio, mas graças à representação ele « ressurge » e se reapresenta. Nos cabe invocar também também o valor de intensidade que Luis Marin confere à representação « Tal seria o primitivo da representação como efeito : presentificar a ausência, como se o que retornou fosse o mesmo, e as vezes até melhor, mais forte do que se fosse ele mesmo em sua origem » (MARIN, 1993, p.11). Para este estudo a noção de intensidade é capital se levarmos em consideração que a imprensa oscila entre os polos da razão e da emoção. Os três jornais franceses sugerem o que seria o retrato de uma realidade, no entanto uma intensidade é atribuída ao evento, ao corpo e muitas vezes a representação pode gerar mais comoção do que o real. Bem como nas campanhas de publicidade onde os corpos (a)parecem mais bonitos, perfeitos e saudáveis do que eles são em seus estados naturais, as imagens do fotojornalismo também são marcadas pela « norma » da intensidade. Registra-se, por exemplo, o momento em que o manifestante gritou mais alto e levantou os braços e não as outras duas horas em que ele ficou calado e caminhou sem movimentos exagerados.

Consideramos pertinente esclarecer qual tipo de image tratamos aqui. O emprego da palavra imagem é remota e pode ser usada presentemente em diversas ocasiões. O uso que fizemos dela é a da imagem midiática « a imagem invasiva, onipresente, aquela que criticamos e que faz, ao mesmo tempo, parte da vida cotidiana de cada um, é a imagem midiática » (MARTINI, 2015, p.10). Precisamente, trabalhamos com as imagens que são produzidas pelo jornalismo, focalizando nossa atenção à categoria do fotojornalismo que é uma das modalidades de produzir sentido dos *média* segundo Verón « A fotografia 'de reportagem' é uma das modalidades de utilização da imagem fotográfica por um média de informação » (VERON, 1994, p.54)

Apontamos que invocar a noção de representação em Louis Marin é refletir o sentido de imagem. « Se a imagem é percebida como representação, isto quer dizer que a imagem é percebida como signo » (MARTINI, 2015, p.35). Estudamos estas imagens por intermédio do estudo dos signos, ou seja, da semiótica. Ainda para Joly Martini « estudar certos fenômenos sob o aspecto semiótico é considerar seu modo de produzir sentido, em outros termos, a maneira como eles provocam significados, ou seja, interpretações » (MARTINI, 2015, p.25).

Buscamos estudar esta produção de sentido das fotografias de reportagem e quais são os significados que emanam delas. Investigamos os sentidos atribuídos aos corpos coletivos e individuais e se a representação é relativa à reivindicação. Procuramos descobrir o sentido destas fotos enquanto mensagens e não enquanto códigos imóveis, pois acreditamos que :

> « é a análise das 'mensagens' que se torna um pré-requisito para identificar regras de organização de questões significantes, são as "mensagens" que constroem, progressivamente, dentro da história e da sociedade, conjuntos de regras de produção e reconhecimento de que não poderemos mais chamar "códigos". (VERON, 1994, p.50)

Como uma parcela importante da pesquisa repousa sobre o estudo da fotografia e dos signos, nos apoiamos maiormente sobre Roland Barthes et Eliseo Verón, mesmo que este último tenha destinado críticas ao primeiro, atribuindo à Barthes uma postura frágil entre o que ele se propunha a fazer e o que ele realmente fez no estudo da semiótica. Não entraremos na discussão de todo o repertório da obra de Barthes, apenas levantaremos alguns pontos em que a produção científica dele nos será conveniente na investigação do nosso *corpus*.

Barthes explica que a fotografia reproduz infinitamente o que aconteceu apenas uma vez ela repete mecanicamente o que jamais poderá se repetir existencialmente (BARTHES, 1980). François Soulanges também fala deste oficio quase sobrenatural da fotografia em transformar um instante em eternidade « Fotografar é tentar agir contra o tempo: parar o tempo, tornar presente para sempre o passado, transformar um instante em eternidade, um mundo em imagem » (SOULAGES, 2017,

p.185). Nota-se este empenho do jornalismo em eternizar um momento, o movimento de um corpo, uma expressão de um rosto que sofre. De provar que algo realmente aconteceu. Seria o *ça-a-été* (esteve aqui, na unidade do tempo) de Barthes e da reformulação deste por Verón em *être-là* (está aqui presente), se aplicado à fotografia de imprensa.

Outro ponto importante do pensamento de Barthes é a noção de *studium* e *punctum*. Enquanto que o *studium* seria algo que nos leva a uma referência mais cultural, mais contextual da fotografia, o *punctum* seria uma picada, um pequeno corte, um ponto da foto capaz de agarrar a atenção de quem olha a fotografia. Mesmo que Barthes tenha classificado a fotografia de reportagem como unária e banal demais para posseder um *ponctum*, acreditamos que as fotografias de reportagem podem posseder um *punctum*, um ponto capaz de despertar e sustentar a atenção do leitor. Com certeza ele não se aplica à todas as fotografias de reportagem, mas em nosso caso, nas imagens dos corpos individuais, seguidamente há um ponto em que a fotografia parece destacar algo. Isso já não ocorre, ou ocorre em escalas menores, com a fotos que mostram os corpos coletivos, uma vez que é difícil encontrar um ponto marcante no interior da massa.

O corpo

Outro ponto determinante nesta pesquisa é o estudo da representação dos corpos. Estes corpos já não estão mais presentes no ato do protesto, porém graças à fotografia de reportagem, eles continuam a existir e a produzir sentido. Como a ciência da comunicação nos permite dialogar com outras disciplinas, nossa referência principal do que seria o 'corpo' não vem da comunicação, mas sim da antropologia. A história do corpo, construída pelos historiadores, também é um suporte importante para compreender as construções culturais que pesaram sobre os corpos ao longo da história da humanidade. Por fim, a filosofia também tem sua contribuição neste trabalho, uma vez que ela nos auxilia na reflexão e no entendimento de alguns mecanismos que exercem disciplina e poder sobre os corpos. Porém, aqui teremos espaço para abordar apenas a noção de corpo que tiramos da antropologia.

A noção antropológica que adotamos é oriunda de David Le Breton. Este autor se dedicou ao estudo do corpo e do rosto. Seus estudos se adequam aqui uma vez que nas fotos que estudamos, no tocante coletivo existe uma realidade do corpo com todos os seus membros que é presente, e na qualidade de individual subsiste o zoom sobre o rosto, sobre o detalhe da expressão da dor. Poderíamos arriscar dizer que os corpos, quando aparecem coletivamente, formariam o *studium* de Barthes. A visão do todo nos remete ao contexto e à amplitude do movimento social, sem ter pormenores do evento. Já a fotografia do corpo individual, nos levaria ao *punctum*, este ponto que é capaz de singularizar o indivíduo e de apreender a atenção do leitor.

Para David Le Breton « a existência do homem é corporal. Ele está no coração da ação

individual e coletiva, no coração do simbolismo social. O corpo é um analisador de longo alcance para uma melhor compreensão do presente » (LE BRETON, 2013, p.10). O corpo, que é a fronteira do eu, produz sentido continuamente no espaço social. Segundo o autor, é justamente com a concepção de corpo que nasce a sociedade individualista. Na antiguidade e na idade média o indivíduo não existia. As coisas eram feitas em nome do coletivo e em nome de Deus. Com o renascimento surge a ideia de uma singularidade do corpo e de uma identidade pessoal. O corpo moderno passou a ser o « sinal do indivíduo, o lugar da sua diferença, da sua distinção. » (LE BRETON, 2013, p.12)

Para Le Breton, é o social que posiciona o corpo no seio do simbolismo social. Este social o molda, dando-o significados e funções a desempenhar enquanto corpo na sociedade. Estes atributos são culturais e « dão sentido à espessura da carne, indicando do que elas são feitas, relacionam seus males ou sofrimentos à causas precisas e conformes à visão de mundo de sua sociedade » (LE BRETON, 2013, p. 17). Esta dependência do corpo ao código cultural se verifica nas fotos e no próprio discurso jornalístico, onde as mais diversas reivindicações são vistas diferentemente. As que reclamam as necessidades de base do corpo, como transporte, saúde e moradia, encontram menos dificuldade em serem legitimadas pelos jornalistas por se tratarem de demandas que já fazem parte da convenção social do que um corpo precisa para existir enquanto corpo físico e como corpo integrante de uma democracia diante de sociedades que tentariam alcançar o arquétipo da igualdade, esta última também podendo sofrer variações de sentido de um espaço social à outro.

Em contrapartida, outras reivindicações aparecem menos legitimadas e menos midiatizadas pela imprensa dita tradicional. Este é o caso dos protestos de grupos, notadamente, LGBT, feministas e outros. A norma social ainda grita mais forte e mesmo que hajam esforços para reverter este quadro, a convenção sobre a heteressexualidade ainda prevalece sobre os corpos. Como exemplo, poderíamos citar a outra parte de nosso estudo que investiga os movimentos sociais franceses na imprensa brasileira. As manifestações francesas do *Mariage pour tous* (Casamento para todos) suscitaram pouco interesse da imprensa brasileira (*Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*), gerando a produção de poucas matérias e representações ambíguas. Já as manifestações *La Manif pour tous* (A manifestação para todos, fazendo ironia ao movimento do 'Casamento para todos'), organizada por grupos da extrema direita e religiosos, alcançaram sucesso junto à imprensa brasileira que publicou diversas matérias sempre ilustradas até mesmo com galerias de fotos que traziam os manifestantes vestidos de azul e rosa. Não estamos concluindo que a imprensa brasileira é contra o casamento gay ou contra a adoção de crianças por casais do mesmo sexo. O que estamos evidenciando são as normas preestabelecidas pelo próprio social e que refletem na representação destes corpos na imprensa e, na dificuldade em representar e até mesmo em legitimar certos corpos.

O segundo componente de estudo de Le Breton é o rosto. Ele explica que o rosto não é um lugar como os outros na geografia do corpo. Com a combinação de poucos elementos como nariz,

boca e olhos é possível alcançar o supremo da individualização. O rosto é o componente mais nobre da identidade humana. O rosto é um elemento cultural. Nele identificamos uma etnia, uma idade, um sexo (sem entrar no debate sobre gênero) e um estado de espírito. Ė do rosto também que nasce o sentimento do sagrado, do sublime. Da mesma forma que o corpo, o rosto também é modelado pelo social « As mímicas e as emoções que o atravessam, as encenações de sua aparência (penteado, maquiagem, etc) revelam uma simbologia social » (LE BRETON, 1992, p.11). A partir dos rostos fotografados buscamos verificar o sentido produzido por eles nas mais diferentes reivindicações. Como estas faces aparecem, como elas revelam os contratos sociais ou o rompimento com estes. Enfim, como corpos e rostos traduzem um momento de crise.

Referências

ARNOULT, Audrey, **« Réflexion méthodologique sur l'usage des logiciels Modalisa et Iramuteq pour l'étude d'un corpus de presse sur l'anorexie mentale »**, in *Nouvelles perspectives en sciences sociales*, vol.11, n°1, 2015, pp.285-322, p.463

BARTHES, Roland, **La chambre claire. Notes sur la photographie**, Seuil, Paris, 1980.

BUTLER, Judith, **« Nous le peuple »**, *in* Qu'est-ce qu'un peuple ?, Paris, La Fabrique, pp.53-74, p.124, 2013.

DE CERTEAU, Michel, **La prise de la parole et autres écrits politiques**, Paris, Essais, 1994.

DYMYTROVA, Valentina, **Identités politiques, discours et médias: le cas de la révolution orange**, (Tese de doutorado), Université Lumière Lyon 2, Lyon, 2011.

LE BRETON, David, **Anthropologie du corps et de la modernité**. Paris, Presses Universitaires de France, 2013.

LE BRETON, David, **Des visages. Essai d'anthropologie**, Editions Métailié, Paris, 1992

LEJEUNE, Christophe, **Manuel d'analyse qualitative. Analyser sans compter ni classer**, Louvain-la-Neuve, De Boeck, 2014

MARIN, Louis, **Des pouvoirs de l'image**. Seuil, Paris, 1993.

MARTINI, Joly, **Introduction à l'analyse de l'image**. 3ème édition, Armand Colin, Paris, 2015.

MOIRAND, Sophie, **Les discours de la presse quotidienne : Observer, analyser, comprendre**, Paris, Presses Universitaires de France, 2007.

SOULANGES, François, **L'esthétique de la photographie**, 2ème édition, Armand Colin, Paris, 2017.

VERON, Eliseo, **« De l'image sémiologique aux discursivités. Le temps d'une photo »** *in* « Espaces publics en images », Hermès, La Revue, 1994/1, n° 13-14, p. 45-64.